

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE INHUMAS
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MIRELLA DELMONDES ALVES

**A METAMORFOSE FEMININA NA GRAVIDEZ: UMA REFLEXÃO SOBRE A
IDENTIDADE**

INHUMAS
2024

MIRELLA DELMONDES ALVES

**A METAMORFOSE FEMININA NA GRAVIDEZ: UMA REFLEXÃO SOBRE A
IDENTIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual De Goiás – Unidade Inhumas –
como parte dos requisitos para a obtenção do título de
bacharela em Psicologia.

Orientador(a): Profa. Ma. Ana Carolina Borges de
Lacerda

INHUMAS
2024

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D474m Delmondes Alves, Mirella
A METAMORFOSE FEMININA NA GRAVIDEZ: UMA REFLEXÃO
SOBRE A IDENTIDADE A METAMORFOSE FEMININA NA GRAVIDEZ /
Mirella Delmondes Alves; orientador Ana Carolina Borges
de Lacerda. -- Inhumas, 2024.
22 p.

Graduação - Psicologia -- Unidade de Inhumas,
Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. maternidade. 2. identidade . 3. gravidez. 4.
psicologia. I. Borges de Lacerda, Ana Carolina, orient.
II. Título.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Embasado na Lei Federal nº 9.610, de fevereiro de 1998, e na qualidade de titular dos direitos autorais, AUTORIZO, a Universidade Estadual de Goiás (UEG) a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional da UEG (Ri/UEG), regulamentado pela Resolução CsU nº 1107/2023, sem ressarcimento de direitos autorais, em consonância com a permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção científica na UEG, a partir desta data, sendo assegurado o direito ao embargo temporário da publicação em sua totalidade, à exceção dos metadados, no repositório em razão de patente ou publicação de livro e/ou artigo científico.

1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Monografia (graduação); | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo científico; |
| <input type="checkbox"/> Relatório técnico; | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro |
| <input type="checkbox"/> Plano de negócios; | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> Revisão de literatura; | <input type="checkbox"/> Projeto de Software |
| <input type="checkbox"/> Produto técnico e educacional - Tipo: _____. | |

Nome completo do autor: Mirella Delmondes Alves .

Matrícula: 22018000562 .

Título do trabalho: A METAMORFOSE FEMININA NA GRAVIDEZ: UMA REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE .

Curso / Programa: Psicologia .

Câmpus / Unidade / Polo: Unidade Inhumas .

Data de defesa: 19 / 06 / 2024

2. RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Os casos de restrição de acesso, previstos em regulamento, poderão ser embargados por um período de até 12 (doze) meses a partir da data de defesa. Havendo justificativa o período poderá ser prorrogado por até 12 (doze) meses dependendo de solicitação formal por parte do autor, em formulário específico, e deferimento do pleito pela sua Coordenação de curso.

2.1 O documento está em processo de solicitação de registro de patente?

SIM; NÃO

2.2 O documento será publicado como capítulo de livro?

SIM; NÃO

2.3 O documento está em processo de submissão de artigo em revista científica?

SIM; NÃO

3. DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara que:

- A produção científica especificada é fruto de seu trabalho intelectual de forma original e por isso, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não fere os direitos autorais de terceiros (pessoa ou entidade), tanto quanto lhe é viável saber.
- Existindo material/informação/dado do qual não detém os direitos de autor, assegura que conquistou a autorização do detentor dos direitos de autor para outorgar à Universidade Estadual de Goiás, os direitos requeridos por esta licença, e reitera que os materiais de terceiros estão claramente identificados/citados/referenciados no conteúdo do documento submetido.
- Caso o documento entregue seja baseado em trabalho apoiado ou financiado por outra instituição que não a Universidade Estadual de Goiás, cumpriu todas as exigências do respectivo acordo ou contrato e, portanto, não há embaraço na disponibilização.
- Está ciente do Regulamento do Repositório Institucional da UEG aprovado pela Resolução CsU nº 1107/2023.

Inhumas, 01 / 07 / 2024

Local

Data

DocuSigned by:

MIRELLA DELMONDES ALVES

A83953F4D5AA4C2...

Assinatura do autor(a)

Nome completo do autor(a)



Documento assinado digitalmente

ANA CAROLINA BORGES DE LACERDA

Data: 01/07/2024 20:28:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

Nome completo do orientador(a)



**UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE
INHUMAS**

Curso: PSICOLOGIA - Matriz:
20182 - 10.º Período
Disciplina: 1143127 - PESQUISA E
PRÁTICA: TRABALHO DE
CURSO II - Carga Horária: 50h
Orientador: ANA CAROLINA
BORGES DE LACERDA

**Ata de Defesa/Avaliação de
Trabalho de Curso -
Semestre 2024-1**

Identificador: **71704**

Título do Trabalho: **A METAMORFOSE FEMININA NA GRAVIDEZ: UMA
REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE**

Data da Banca/Avaliação: **19/06/2024** Hora: **18:00:00**

1. Conceitos

Resultado Final da Avaliação		
Id.	Discente	Conceito
95485	MIRELLA DELMONDES ALVES mirella.delmondes@hotmail.com	Aprovado

2. Membros da Banca Avaliadora

Membros da Banca Avaliadora		
*	Nome	Email

1	Ana Carolina Borges De Lacerda	carolborgeslacerda@gmail.com
2	Lilian Barbosa De Moraes	lilian.morais@ueg.br
3	Jordana Menez de Oliveira	jordanamenoli@gmail.com



Documento gerado pelo sistema acadêmico da UEG em 01/07/2024.

Acesse https://www.app.ueg.br/fenix-back-end/relatorio/imprimir_ata_tc?tcuIdKey=7ededc311623b36e7c4fff261fab99a9

https://www.app.ueg.br/fenix-back-end/relatorio/imprimir_ata_tc?tcuIdKey=7ededc311623b36e7c4fff261fab99a9

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Julcimar Alves Ferreira e Marleane Delmondes da Silva, por sempre estarem ao meu lado durante toda minha vida. Passamos por muitas fases difíceis ao longo desses seis anos de faculdade e vocês foram minha sustentação. Sempre acreditaram em mim e no meu potencial. Amo vocês.

Aos meus familiares, amigas e meu namorado Filipe Lacerda, minha eterna gratidão por me acolherem e darem suporte em todos os momentos durante esta jornada. Obrigada Flávia Adjuto Machado pela parceria durante todos esses anos de curso. Quis desistir algumas vezes e você nunca soltou minha mão.

Um agradecimento especial à minha orientadora Ma. Ana Carolina Borges de Lacerda pelos ensinamentos, pela paciência, dedicação e apoio durante a construção desse artigo e também pelas supervisões para além da escrita acadêmica. Foi por meio das suas aulas que descobri minha afinidade pela ênfase social e pude amadurecer minhas ideias e perspectivas críticas como estudante de psicologia e especialmente, como ser humano.

Agradeço também ao psicólogo Adriel Bandeira Pereira e à assistente social Mariângela Braga por acreditarem em mim, me oportunizando trabalhar de perto com as realidades das pessoas em situação de vulnerabilidade. Vocês contribuíram imensamente para minha formação teórica, prática e também humana.

Por fim, agradeço à minha professora do Ensino Médio, Núbia Teodora Cunha Mateus por acreditar no meu potencial quando adolescente, me incentivar e me acolher como uma filha. Você jamais será esquecida. Sou muito grata por tudo o que fizeste por mim. Todas as minhas conquistas acadêmicas dedico à você e à minha família.

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo geral investigar a metamorfose da identidade feminina durante a gestação. Os objetivos específicos são: compreender a identidade na modernidade, discutir aspectos históricos da identidade feminina na maternidade e, por fim, analisar a afetividade e a identidade na gravidez. Diante disso, realizou-se uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Durante o desenvolvimento do estudo, a metodologia foi ajustada várias vezes para que pudesse contemplar os objetivos. Primeiramente, os resultados revelaram a escassez de artigos gratuitos sobre o tema. Após a readaptação, constatou-se que a maternidade envolve diversas dimensões e deve ser compreendida como um processo histórico-cultural, de caráter individual e também coletivo. Essa nova identidade adicionada é historicamente adaptada a partir de fenômenos culturais e não é inerente à mulher. Assim, reitera-se a importância do desenvolvimento de pesquisas nessa área para promover intervenções contextualizadas às mulheres gestantes.

Palavras-chave: maternidade; identidade; gravidez; psicologia

ABSTRACT

This Article had as general objective investigate the metamorphosis of female identity during pregnancy. The specific objectives are: to understand identity in modernity, to discuss historical aspects of female identity in motherhood and, finally, to analyze affectivity and identity in pregnancy. Therefore, a qualitative research and a literature review were carried out. During the development of the study, the methodology was adjusted several times to meet the objectives. Firstly, the results revealed the scarcity of free articles on the topic. After readaptation, it was found that motherhood involves several dimensions and must be understood as a historical-cultural process, of an individual and collective nature. This new added identity is historically adapted from cultural phenomena and is not inherent to women. Thus, the importance of developing research in this area to promote contextualized interventions for pregnant women is reiterated.

Key-Words: maternity; identity; pregnancy; psychology

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	p. 11
2. METODOLOGIA -----	p. 12
3. IDENTIDADE NA MODERNIDADE -----	p. 13
4. IDENTIDADE FEMININA E A HISTÓRIA DA MATERNIDADE -----	p. 15
5. AFETIVIDADE E IDENTIDADE NA GRAVIDEZ -----	p. 17
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	p. 19
7. REFERÊNCIAS -----	p. 21

1 INTRODUÇÃO

O conceito de maternidade envolve múltiplos significados. Etimologicamente, pode indicar um espaço físico, uma função reprodutiva ou a prática da criação. Entretanto, com o passar dos séculos foram acrescentadas à nomenclatura diferentes simbologias, como a instituição da maternidade e a ideologia da maternidade (Lerner, 2022). Nesse artigo, o foco será a maternidade enquanto processo de metamorfose da identidade, focado em seu desenvolvimento subjetivo durante a gestação.

O ato de gestar vinculou-se a diversas simbologias, com a finalidade de atender os papéis sociais à feminilidade. Isso se insere na cultura e na sociedade como instinto, felicidade e satisfação da vida. Tornar-se mãe envolve uma dinâmica biopsicossocial. Isso influencia na identidade da mulher, em que ela necessita de reflexões sobre si, suas prioridades, valores e objetivos de vida. No período gestacional, a mulher desenvolve uma conexão singular com o próprio corpo, em que vivencia uma série de emoções conflitantes e questionamentos sobre sua própria identidade (Maldonado, 2013).

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é compreender a identidade como metamorfose durante a gestação. Os objetivos específicos são: compreender a identidade na modernidade, discutir aspectos históricos da identidade feminina na maternidade e, por fim, analisar a afetividade e a identidade na gravidez. A metodologia empregada é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica para investigar a compreensão histórico-identitária do processo de tornar-se mãe durante a gravidez.

Os resultados da pesquisa revelam a escassez de artigos gratuitos que abordem a construção da identidade feminina durante a gestação. A metodologia foi ajustada várias vezes para encontrar um ponto em comum, incluindo a adição de novas bases de dados e a remoção do filtro de ano das publicações. No entanto, não foram encontradas correspondências. Nesse contexto, a realização de pesquisas e estudos para compreender a transformação da identidade durante a gestação é de suma importância, pois permite ampliar as intervenções contextualizadas para mulheres que desejam ser mães e/ou estão gestantes.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada é de caráter qualitativo e bibliográfico. A escolha pela pesquisa qualitativa justifica-se porque “(...) é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (Lüdke; André, 1986, p. 20). Assim, foi construída uma pesquisa qualitativa bibliográfica em autores como Áries (1975), Badinter (1985), Beauvoir (1960), Bock (1989), Bonnet (1990), Caplan (1960), Carvalho (1997), Ciampa (1984), Foucault (1972), Iaconelli (2013), Kitzinger (1978), Lerner (2022), Maldonado (2013), Moura & Araújo (2004) e Moraes (2021) para aprofundar a compreensão sobre a metamorfose da identidade feminina durante a gravidez.

A questão norteadora da pesquisa é: como é a construção histórica-social da identidade feminina durante a gestação? À vista disso, os artigos foram selecionados em março de 2024, nas seguintes bases de dados: PubMed, Scielo, Capes e Pepsic.

Os descritores utilizados são: Maternidade, Identidade, Gravidez, Psicologia (em português e inglês), intermediados pelos operadores booleanos “AND”. No primeiro momento, somente utilizando os descritores, foram encontrados no total 576 artigos.

Para a filtragem dos artigos estabeleceu-se os seguintes critérios de inclusão: artigos em português e inglês; publicados entre 2018 e 2024; artigos abertos, gratuitos, que apresentassem conteúdos relacionados aos descritores; artigos de revisão de literatura e artigos empíricos. Os critérios de exclusão são: artigos incompletos; repetidos; resumos distantes do tema escolhido e documentos governamentais.

Após a subtração dos artigos com critérios de inclusão e exclusão, restaram setenta e sete trabalhos. Assim, foi realizada nova triagem com a leitura dos textos na íntegra, excluindo os que não contemplavam os objetivos da pesquisa. Todos eles foram eliminados. Dessa forma, foi adotado uma nova estratégia de pesquisa, agora utilizando um período maior de tempo de artigos publicados, últimos dez anos. Dos cento e trinta e cinco trabalhos, nenhum correspondeu aos objetivos da pesquisa.

Desse modo, mais uma vez, estabeleceu-se em relação ao tempo, um período indeterminado. Mesmo assim, não foram encontrados artigos que contemplassem os objetivos.

Foi acrescentado, então, outras bases de dados para pesquisa: Google Scholar, Science Direct e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

(BDTD), com os mesmos descritores, critérios de inclusão e exclusão, nos últimos vinte e quatro anos. Todavia, os únicos artigos encontrados eram pagos.

3. IDENTIDADE NA MODERNIDADE

A compreensão do processo de identidade torna-se fundamental para, posteriormente, discutir-se sobre a transformação dela na maternidade. Segundo Ciampa (1984, p. 65) “a primeira condição básica para se entender o processo de identidade, é compreender esta como um próprio processo de identificação”. Mas para isso, entender o contexto histórico, social e político do século é fundamental. Foucault (1972) afirma que o conhecimento se delinea por discursos que surgem a partir de práticas sociais e das relações de poder em determinados contextos e épocas.

Em seus estudos sobre identidade, Stuart Hall (2006) categorizou três momentos históricos para se aprofundar: a do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e, por fim, do sujeito pós-moderno. Segundo o autor, a primeira categoria remete ao período Iluminista, século XVIII, que tinha como lema a seguinte frase: “*Liberté, Égalité, Fraternité*” (Liberdade, igualdade, fraternidade, em português). Nesse contexto, o sujeito era centrado e unificado, sendo a noção de identidade como algo estático, imutável; algo que nascia e se desenvolvia ao longo da vida, permanecendo a mesma essência. “(...) pode-se ver que essa era uma concepção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade” (Hall, 2006, p.11). Ressalta-se que nesse século, esse sujeito usualmente descrito era somente do sexo masculino.

A segunda categoria, nomeada como sujeito sociológico, menciona o período do final do século XIX. Nesse momento, esse sujeito não era mais considerado como auto suficiente, independente; mas como alguém formado pela interação com outras pessoas. Assim, a essência do eu era modificada a partir da relação com a sociedade. Dessa forma, o autor define o resultado dessa interação como identidade cultural, ou identidades culturais, já que esse sujeito é fragmentado e plural, composto não de uma única, “mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2006, p.12).

Esse processo denomina o sujeito pós-moderno, a partir do século XX, última categoria proposta por Hall (2006, p. 13). Nesse momento, “(...) a identidade torna-se uma celebração móvel. (...) é definida historicamente, e não biologicamente” (Hall, 2006, p.13). Assim, essa identidade ou melhor, as várias identidades do sujeito não giram mais em torno de uma “essência do eu” ou uma identidade mestra, atemporal.

Dessa forma, tornam-se cada vez mais complexas e divergentes. A identificação é temporária e a diferença torna-se crítica, tornando-se politizada.

Em resumo, o sujeito do iluminismo acreditava que a identidade era definida em um núcleo interior que mesmo se desenvolvendo permanecia essencialmente o mesmo. Já o sujeito sociológico permanecia com esse núcleo interior, mas este fragmentado a partir da interação com a sociedade. Por fim, o sujeito pós-moderno é compreendido em contramão ao ideal do núcleo interior, mas a partir da perspectiva da existência de diferentes identidades em diferentes momentos: as identidades contraditórias.

Em consonância, Ciampa (1984) afirma que não é possível separar o estudo da identidade humana sem considerar a sociedade e a historicidade. Não é possível compreender a identidade de forma que isola os elementos biológicos, psicológicos e sociais da constituição de um sujeito. Uma vez que a interação entre os elementos é o que gera o processo de identificação temporária, ou seja, “(...) cada identidade reflete outra identidade.” (Ciampa, 1984, p. 67).

Ademais, o autor aponta que a representação identitária envolve três sentidos: a) identidade pressuposta; b) desempenho de papéis; c) reposição e re-apresentação do que estou sendo (metamorfose).

“Ao me representar (no primeiro sentido — representante de mim), transformo-me num desigual de mim por representar (no segundo sentido — desempenho de papéis) um “outro” que sou eu mesmo (o que estou sendo parcialmente, como desdobramento de minhas múltiplas determinações, e que me determina e por isso me nega), impedindo que eu deixe de representar (no terceiro sentido — re-apresentação) para expressar o outro “outro” que também sou eu (o que sou sem estar sendo) — que negaria a negação de mim indicada pelo representar no sentido anterior (o segundo)” (Ciampa, 1984, p. 69-70).

Nesse contexto, a todo momento a identidade pressuposta se transforma, sendo temporariamente cristalizada. Nesse contexto, essa interação resulta na transformação do meio e em uma relação dialética e intencional, também se é transformado. Assim, a identidade é reafirmada como um ser em movimento, em contínua mudança, em constante contradição. Nessa metamorfose composta por crises, negações, contradições, mudanças e transformações existe uma dificuldade massiva de compreendê-la. Isso se dá a partir de privilégios na ideia de estabilidade e, principalmente, da identidade como algo imóvel e atemporal (Ciampa, 1984).

Nessa mesma perspectiva, o estudo da maternidade como uma nova identidade adicionada. Durante a gestação, é importante a interação histórico-social-

cultural sobre o fator “tornar-se mãe”. Isso se vincula à transição em todos os aspectos biopsicossociais. Para aprofundar nessas questões, faz-se necessário uma análise de gênero: compreender a construção sócio-histórica da maternidade e sua relação com a identidade feminina. O reconhecimento do gênero como parte importante da história da sociedade implica um exercício perpétuo de reflexão diante os diversos preconceitos que circundam o tema (Laconelli, 2013).

4. IDENTIDADE FEMININA E A HISTÓRIA DA MATERNIDADE

A discussão sobre os aspectos históricos e sociais envolvidos em torno da maternidade e da identidade feminina ao longo dos séculos é fundamental para compreender melhor suas características e variações (Maldonado, 2013). A história das mulheres compreende-se no plural e não no singular. A consciência da alteridade, da disparidade, da mudança entre o feminino e masculino é acrescentada pela historiografia das diferenças entre as próprias mulheres. Segundo Bock (1989):

Para se poder tomar a sério a categoria socio-cultural de gênero sexual, é preciso acabar de vez com as categorias socio-culturais implícitas na abordagem “biológica” e abandonar as noções que lhe estão associadas. Em primeiro lugar temos de nos recusar a rotular o sexo ou o gênero sexual como facto “biológico” e a encarar, portanto o corpo da mulher, a sexualidade ou os órgãos envolvidos, a gravidez, o nascimento e a maternidade, como factos “biológicos”. (...) De facto a própria “biologia” é uma autêntica categoria sócio-cultural, com efectivas conotações sócio-culturais, que tem marcado a abordagem e as relações entre os sexos nas últimas gerações (Bock, 1989, p. 166-167).

A autora disserta que a palavra biologia é uma categoria sociocultural que tem marcado as relações entre os gêneros nos últimos séculos, mais precisamente o sexo feminino. Isso demonstra um autêntico preconceito sexual e é utilizada como uma metáfora para atribuir a inferioridade em atividades da vida em relação ao sexo masculino, como gravidez, trabalho doméstico, educação das crianças e legitimar as relações de poder.

No que tange à maternidade, existem registros volumosos relacionados ao tema somente a partir do século XII. O mais notável é a associação entre identidade e maternidade como parte principal da essência feminina, nas mais diversas culturas, classes e tempos. Isso antecede a idealização da possibilidade de irmandade entre as mulheres, assim como o matrimônio (Lerner, 2022). A autora disserta que: “O matrimônio e a maternidade foram as experiências que a maioria das mulheres tiveram em comum com outras mulheres” (Lerner, 2022, p. 154).

Ressalta-se que nessa época a ideia de maternidade se vinculava apenas à procriação, justificados pela tradição cristã como papel natural. Nesse período, as crianças permaneciam pouco tempo nas famílias, uma vez que existia prática da comercialização da amamentação. Na realidade, era costume confiar o recém-nascido à uma ama de leite, que permanecia na casa. Já os menos favorecidos enviavam o bebê para a casa da ama de leite, perdurando alguns anos. Era comum os abusos, maus tratos e a negligência. Somente aos setes anos retornavam e, seguidamente, eram entregues a outras famílias na condição de aprendizes (Ariés, 1975).

A afetividade tornou-se uma tônica nos relacionamentos familiares somente a partir do século XVIII. Desse modo, a visão romantizada e exaltada do amor materno no ocidente é recente, marcada pela criação do termo maternagem. Entende-se como maternagem o ato da criação do vínculo afetivo de cuidado e acolhimento entre a mãe e o filho (Kitzinger, 1978). Nesse período, situou-se o advento do liberalismo, ascensão da burguesia, avanços da medicina e o aumento populacional. Isso resulta em consequências diretas à sociedade, por exemplo, na perspectiva de mortalidade infantil alta, fruto do abandono, infanticídio, falta de higiene, entre outros; que era muito comum na época (Badinter, 1985; Bonnet, 1990).

É nesse período também que ocorre a vinculação da romantização materna a ideais ligados a delicadeza, fragilidade, amabilidade e passividade. Nessa época ainda, os papéis sociais e morais da maternagem se assemelhavam à auxiliar médica. No século XIX, adicionou-se como obrigação moral materna o ensino religioso e escolar dos filhos. Por fim, no século XX, delegou-se também como responsabilidade o cuidado do inconsciente e da saúde emocional do filho (Badinter, 1985). A esse respeito, Laconelli (2013) escreve que,

“(...) é na passagem do século XVIII para o XIX que a infância e a maternidade vão sendo envoltas numa aura de amor natural entre mãe e filhos. (...) Saímos da obrigação, da imposição e do desejo de pertencimento social, querendo-se ou não ser mãe, para o registro do desejo inerente a toda mulher, associado a seu caráter benigno. A mulher não é impelida a gerar, ela assim o deseja. Ser mãe lhe é tão natural que não sê-lo é uma ofensa à natureza feminina. E por desejar, ela zela por sua cria. Fora disso teríamos o desvio moral, a patologia (Laconelli, 2013, p. 41-42).

Quanto a essa idealização, a filósofa Simone de Beauvoir (1960) em seu livro “O segundo sexo” trouxe uma crítica quanto ao “papel natural” designado à mulher. A defesa da autora é que ninguém nasce como mulher e sim torna-se mulher. Isso se constitui durante o processo de assunção de papéis e as responsabilidades que são

impostas culturalmente. A título de exemplificação, é como se a maternidade e matrimônio fossem um destino e não uma escolha. Dessa forma, a autora interpreta que esses papéis impostos são a justificativa para legitimar a mulher, pois “o casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muito outras: só permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe” (Beauvoir, 1960, p. 67).

O destaque para a condição psicológica na maternidade advém somente no século XX, a partir dos estudos em Psicologia da gravidez. No século XXI, muitos aspectos culturais reafirmam as noções patriarcais, como o mito do amor materno como instinto feminino. Esse mito alicerça-se na teoria que a maternidade e o afeto sempre existiram. A maternidade é inerente à essência feminina. Todavia, esse “instinto” não existe. Segundo Badinter (1985, p. 266), “tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escape ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É "adicional".

5. AFETIVIDADE E IDENTIDADE NA GRAVIDEZ

A gestação é um período que demanda readaptações e reestruturações em várias dimensões, como na identidade, resultado da assunção de um novo papel (Maldonado, 2013). Essa dimensão subjetiva não recebe a atenção devida e acaba esquecida na atenção predominantemente biológica e impessoal da parturiente (Moraes, 2021). As mudanças iniciais são de ordem metabólicas intensas, mas também de equilíbrio instável devido a altas expectativas envolvidas nas novas adaptações. Isso exige da mulher um reajustamento das relações interpessoais, do intrapsíquico e da identidade (Maldonado, 2013)¹.

A nova definição de papéis, de filha para mãe, evoca antigos conflitos de relacionamento, ao mesmo tempo que emergem novos sentimentos (Maldonado, 2013). Esse aspecto dar-se-á a partir da história individual, das possibilidades de representações de seu nascimento, da sua infância e do seu relacionamento parental (Moraes, 2021). Por outro lado, a inclusão do contexto histórico-cultural feminino

¹ Em seu livro intitulado Psicologia da Gravidez, Maria Tereza Maldonado (2013) não conceitua objetivamente o termo identidade. Apesar de dissertar sobre a assunção de um novo papel, novas adaptações e crises durante a gestação. A autora utiliza como norteador o conceito de Kaplan (1960) a qual define crise como perturbação temporária de um estado de equilíbrio. Essa perspectiva se assemelha à noção de identidade do sujeito iluminista e também sociológico proposto em Hall (2006), em que o sujeito possui uma identidade mestra.

também é fundamental para compreender a ambivalência do tornar-se mãe. Isso se assemelha ao caráter multifacetado e transitório da identidade como propõe Ciampa (1984).

Ademais, outros fatores que interferem diretamente no psicológico são as condições em que a gravidez ocorre e o nível socioeconômico dessa mulher. Se a mulher gestante trabalha e é responsável pelo orçamento familiar ou está sozinha e sem rede de apoio, a preocupação com o futuro pode intensificar sua frustração, raiva e ressentimento. Com isso: “privações reais, sejam afetivas, sejam econômicas, aumentam a tensão, intensificam a regressão e a ambivalência” (Maldonado, 2013, p.24).

A afetividade se apresenta em sentimento de dúvida e incerteza, permeado por alegria, euforia, pânico, medo e, em alguns casos, rejeição. “(...) mesmo quando há clara predominância de aceitação ou rejeição, o sentimento oposto jamais está inteiramente ausente” (Maldonado, 2013, p.31). A existência de oscilação emocional é um destaque nas primeiras semanas. No primeiro trimestre, essa ambivalência tende a sobressair, uma vez que o bebê ainda não é sentido.

A vivência da ambivalência não é baseada apenas nas circunstâncias reais da gestante de levar essa gravidez adiante, ou das circunstâncias nem sempre ideais da fecundação, mas também, como salientado anteriormente, nas suas características psíquicas e histórico-familiares (Moraes, 2021, p. 45).

Desejo e sexualidade também são elementos importantes, de forma que o corpo da mulher gestante sente esses efeitos. Alguns fenômenos comuns são: primeiros orgasmos, redução da libido, modificação do corpo, e outros. Essa questão revela que “o medo de ficar modificada como pessoa pela experiência da maternidade, de não mais recuperar sua identidade antiga e transformar-se em outra pessoa, com mais perdas do que ganhos” (Maldonado, 2013, p.44).

Por outro lado, o segundo trimestre apresenta maior estabilidade, através da movimentação fetal presente e a saliência da barriga. Bounnaud e Revault D’Allones (1963) dissertam que os movimentos fetais influenciam diretamente na aceitação da gestação, intensificando a relação mãe-bebê. Harvey e Sherfey (1954) apontam a existência de uma correlação entre a ambivalência emocional e intensidade/duração das náuseas e vômitos. Em relação à alimentação, podem aparecer sentimento de culpa e medo por não estar se alimentando de maneira adequada, prejudicando o bebê (Maldonado, 2013).

No último trimestre, os comportamentos ansiosos tendem a piorar com a proximidade do parto. Segundo Steimer (2002) a ansiedade é um estado psicológico, fisiológico e comportamental despertado a partir de situações que coloquem em risco o bem-estar e/ou à sobrevivência, seja essa ameaça real ou potencial. Dessa forma, pode existir sentimentos contraditórios como de querer o fim da gravidez e também o desejo que essa gestação se prolongue, pelo medo de passar por novas adaptações com um recém-nascido. Nesse período existe tendência em reviver memórias da infância ou da relação com os pais que anteriormente eram esquecidas. Os sonhos com o bebê se tornam mais frequentes (Maldonado, 2013). Segundo Caplan (1960), a forma como a mulher fantasia o bebê serve como um prenúncio do vínculo afetivo entre os dois, principalmente enquanto recém-nascido.

Em suma, os aspectos afetivos da gravidez estão intimamente ligados aos conflitos resultantes da representação de um novo papel: tornar-se mãe. Isso se dá através da mudança da identidade, assim como aos sentimentos de ambivalência que estão diretamente relacionados ao contexto histórico individual e coletivo. Tudo isso corrobora com o pensamento de Ciampa (1984) que afirma a impossibilidade de separação do estudo da identidade humana sem considerar a sociedade e a historicidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maternidade é um processo complexo que envolve mudanças tridimensionais: biológicas, sociais e psicológicas. Essas reestruturações e novas adaptações influenciam diretamente na identidade feminina. De acordo com Ciampa (1984) a identidade é definida como metamorfose, uma experiência multifacetada e transitória. Isso envolve uma série de questionamentos e emoções conflitantes, com constantes readaptações.

Nesse contexto, o estudo sobre a desconstrução da identidade durante a gestação permite ampliar intervenções contextualizadas às mulheres gestantes e também nas que pretendem ser mães. Compreender a maternidade como processo histórico, cultural, individual e também coletivo é fundamental. Isso também auxilia na desmistificação da crença do mito do amor materno, dado culturalmente como fenômeno inato, como aponta Badinter (1985).

Os diversos ajustes na metodologia de pesquisa qualitativa e bibliográfica revelaram a escassez de estudos sobre o tema. Assim, reitera-se mais uma vez a

importância do desenvolvimento de pesquisas nessa área. Dessa forma, optou-se por discutir a historicidade do conceito de identidade na modernidade baseado nas teorias de Ciampa (1984) e de Hall (2006). Ambos autores concebem a identidade como fenômeno histórico-dialético e em contínuo movimento.

Em relação à construção sócio-histórica da maternidade, aprofundou-se na compreensão do mito do amor materno em Badinter (1985) e na legitimação feminina ao longo dos séculos. Por fim, destacou-se a afetividade durante o período gestacional baseado majoritariamente em Maldonado (2013). Todas as categorias reiteraram a importância da contextualização histórica individual e coletiva na compreensão dos fenômenos humanos, como é o caso da gravidez e da maternidade.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- BADINTER, E. **O mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1985.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão. Européia do Livro, 1960.
- BOCK, G. **História, história das mulheres, história do gênero**. *Penélope: fazer e desfazer a história*, Florença, n. 4, 1989. (p. 158-187).
- BONNET, C. **Geste d'amour. L'accouchement sous x**. Paris: Odile Jacob, 1990.
- CAPLAN, G. **Perspectives of primary prevention: a review**. Archives of General Psychiatry. Nova York: Harper & Row, 1960.
- CARVALHO, D. R. Cartografando Subjetividades no Brasil. **Revista Subjetividades Contemporâneas**. São Paulo, v.1, nº 1, 1997. (p.28-33).
- CIAMPA, A.C. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (org.). **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972. [Edição Original publicada em 1969].
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. (p.7 - 22). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4643126/mod_resource/content/4/2.1.%20HALL%20S.%20Identidade%20Cultural%20na%20P%C3%B3s%20Modernidade_Cap%201%20e%202.pdf. Acesso em 14 de abr. 2024.
- IACONELLI, V. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: doi:10.11606/T.47.2013.tde-07052013-102844. Acesso em: 01 mai. 2024.
- KITZINGER, S. **Mães: um estudo antropológico da maternidade**. Portugal/Brasil: Presença/Martins Fontes, 1978.
- LERNER, G. **A criação da consciência feminista: a luta de 1200 para libertar suas mentes do pensamento patriarcal**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, M.T. **Psicologia da gravidez**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2013.

MOURA, S. M. S. R. de.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. São Paulo: **Psicologia, Ciência e profissão**, 2004. (p.44-55).

MORAES, M. H. C.de. **Psicologia e psicopatologia perinatal: sobre o (re)nascimento psíquico**. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2021.

STEIMER, T. A biologia dos comportamentos relacionados ao medo e à ansiedade. **Diálogos em Neurociência Clínica**, 4 (3), 2002. (p.231–249). Disponível em <https://doi.org/10.31887/DCNS.2002.4.3/tsteimer>. Acesso em 26 mai. 2024.